

RELATO DE PESQUISA

Usos literais e metafóricos dos dêiticos locativos “aí” e “lá” em dados verbais e multimodais do Português Brasileiro



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Paloma Batista Cardoso (UFS)

- Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)

SOBRE OS AUTORES

- Thaís Lourenço Lima
Curadoria de dados; análise formal; investigação; administração do projeto; escrita do rascunho original.

- Lilian Vieira Ferrari
Conceptualização do projeto; recursos e supervisão; análise e edição do texto final do trabalho.

DATAS

- Recebido: 28/03/2024

- Aceito: 29/09/2024

- Publicado: 19/11/2024

COMO CITAR

Lima, T. L.; Ferrari, L. V. (2024). Usos literais e metafóricos dos dêiticos locativos “aí” e “lá” em dados verbais e multimodais do Português Brasileiro. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 1, p. 1-27, 2024.

Thaís Lourenço LIMA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Lilian Vieira FERRARI

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Este trabalho adota a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva para investigar os usos literais e metafóricos dos dêiticos locativos “aí” e “lá” em dados verbais e multimodais do português brasileiro falado (Lakoff; Johnson, 1980; Cienki, 1998). A análise, de caráter quali quantitativo, utiliza dados verbais coletados do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, e dados multimodais extraídos do *corpus* do *International Distributed Little Red Hen Lab*, um laboratório global para pesquisa em comunicação multimodal. Os resultados demonstram a ocorrência de diferentes tipos de uso dos dêiticos na fala e a correlação desses usos a padrões gestuais distintos: os literais apresentam configurações gestuais prototípicas de dêixis (gestos de apontar), enquanto usos metafóricos mostram a prevalência de outros modos de representação gestual.

ABSTRACT

This paper applies a cognitive linguistics framework to investigate literal and metaphorical uses of the locative deictics “aí” and “lá” in spoken Brazilian Portuguese verbal and multimodal data (Lakoff; Johnson, 1980; Cienki, 1998). The research combines qualitative and quantitative methods in order to analyse verbal data, collected from the *Grupo de Estudos Discurso & Gramática’s*

corpus, and multimodal data, collected from The International Distributed Little Red Hen Lab's *corpus*. The results confirm the occurrence of different types of deictic use in speech and the correlation of these uses to distinct gestural patterns: literal uses present more prototypical deictic gestural configurations (pointing gestures), while metaphorical uses show a prevalence of other modes of gestural representation.

PALAVRAS-CHAVE

Dêixis Locativa. Metáfora Conceptual. Comunicação Multimodal.

KEYWORDS

Locative Deixis. Conceptual Metaphor. Multimodal Communication.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Na linguagem cotidiana, é possível ouvirmos expressões como “a época de chuvas vem aí” ou “veremos essa questão lá adiante, no próximo ano”. Produzimos e conseguimos entender sem problemas expressões assim, mas com frequência não percebemos que esses usos não são literais, mas metafóricos. A metáfora não é possível apenas em textos poéticos e literários, como tradicionalmente somos ensinados: ela é reflexo do pensamento humano, e é por isso que podemos falar e ouvir sobre o tempo em termos de espaço (como ocorre no uso de “aí” e “lá” nos exemplos acima). Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão sobre os processos de pensamento humanos envolvidos na construção do significado, em especial a metáfora, ao observar os usos dos dêiticos locativos “aí” e “lá” na fala e nos gestos utilizados para comunicação no dia a dia.

Introdução

Nas últimas décadas, as áreas de pesquisa em Linguística Cognitiva (LC) e em Estudos de Gesto têm se aproximado com o estabelecimento de um interesse mútuo e crescente (Cienki, 2016). Dessa interação, um dos tópicos que mais se destacam dentro do aporte teórico da LC é a Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por George Lakoff e Mark Johnson na famosa obra *Metaphors we live by* (1980). Com efeito, desde o final do século 20, vimos um aumento exponencial de pesquisas a demonstrarem que gestos espontâneos concomitantes à produção verbal podem constituir, também, expressões metafóricas (Cienki; Müller, 2008).

Para entender essa ligação, ponderemos o seguinte: entre os princípios basilares da Teoria da Metáfora Conceptual está a noção de que “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente de natureza metafórica” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 3). A teoria aponta que esse sistema conceptual estabelece projeções entre domínios cognitivos: um domínio-fonte, concreto; e um domínio-alvo, abstrato. Deriva-se daí, por exemplo, a metáfora TEMPO É ESPAÇO, em que “tempo” constitui o domínio-alvo conceptualizado em termos de “espaço”, o domínio-fonte. Se partimos, portanto, da noção de que a metáfora é a base e permite a projeção entre domínios dentro do nosso sistema conceptual ordinário, palavras seriam apenas uma das formas em que essa projeção se expressaria; os gestos, outra. Ao ter isso em vista, nos propomos nesta pesquisa a descrever os usos dos dêiticos locativos “aí” e “lá” em dados verbais e multimodais do português brasileiro falado, correlacionando gesto e fala na investigação de possíveis padrões associados a cada tipo de uso. Para tanto, também adotamos como base estudos recentes sobre multimodalidade – principalmente com foco em gesto e conceptualização (Kendon, 2004; Avelar; Pinheiro, 2017; Avelar; Ferrari, 2017) e gesto e metáfora (Cienki, 1998; Cienki; Müller, 2008). Os dados verbais foram extraídos de transcrições disponíveis na plataforma *on-line* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, e os dados em vídeo foram retirados da estação brasileira do *International Distributed Little Red Hen Lab*, um laboratório global para pesquisa em comunicação multimodal.

A fim de esclarecer nosso objeto nesta pesquisa, consideremos que dêixis, termo técnico de origem grega, significa “apontar” ou “indicar”; dessa forma, qualquer expressão linguística que tenha essa finalidade constitui uma expressão dêitica. Aspecto relevante no que diz respeito a dêixis, a sua referência necessariamente está vinculada ao contexto e à intenção do falante – considerado o “centro dêitico”. Dentro dessa perspectiva, a instância da dêixis pessoal opera basicamente em três partes: primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa; em muitas línguas essas categorias funcionam como “dêixis social” na indicação do *status* das pessoas do discurso (Yule, 1996). Assim, em francês, marcações de familiaridade e não familiaridade se expressam no uso do “tu” ou do “vous”; assim como no alemão, com “du” ou “Sie”; e no espanhol, com “tú” ou “usted”. A escolha entre essas formas, portanto, vai comunicar a perspectiva do falante sobre sua relação com o ouvinte. Por exemplo, o item “usted”, historicamente associado a uma forma que indica terceira pessoa (fora da dinâmica interacional do “yo-tú”), é usado para referência à segunda pessoa de modo a indicar distância social, ou não familiaridade (1996, p. 10-11).

Neste trabalho, enfocamos a dêixis espacial, na qual esse conceito de distância naturalmente assume uma relevância destacada; o dêitico “aí”, tipicamente utilizado para indicar um lugar próximo do ouvinte, e o dêitico “lá”, usado para apontar um local distante do falante e do ouvinte.

Como vimos no caso da dêixis pessoal, ao considerar a dêixis locativa, também precisamos lembrar que a localização, na perspectiva do falante, pode ser estabelecida tanto fisicamente quanto mentalmente – noção que voltaremos a explorar em nossa análise.

No que concerne especialmente a gestos, de acordo com Avelar e Ferrari (2017), as expressões dêiticas são associadas frequentemente aos gestos de apontar. Esses gestos possuem um padrão comum de realização, que pode ser sintetizado como um movimento em linha reta, em uma direção

específica com um alvo específico (Kendon, 2004)¹. É importante salientar que, ao falar em usos prototípicos da dêixis espacial, compreendemos especificamente sua função locativa, e, gestualmente, as combinações características desse tipo de uso, ao passo que usos não prototípicos manifestariam extensões metafóricas do seu significado central – que, a depender da metáfora em questão, assumiriam outras formatações gestuais, como estudos recentes do português brasileiro têm demonstrado (Avelar; Pinheiro, 2017:75). Essas extensões metafóricas constituem uma utilização abstrata dos dêiticos; não indicam uma localização no espaço físico, mas a localização metafórica de pessoas, ideias e objetos.

Os resultados da análise dos dados de fala nos permitem apontar a ocorrência de diferentes tipos de uso dos dêiticos locativos, definidos como literal e não literal. Esse último desdobra-se em metafórico e metafórico-discursivo. Os dados em vídeo, por sua vez, foram compatíveis com a hipótese de que os diferentes tipos de uso se relacionam a padrões gestuais distintos: usos literais de “aí” e “lá” tendem a vir acompanhados de gestos de apontar prototípicos, enquanto usos não literais apresentam uma frequência maior de gestos não prototípicos e uma maior variabilidade gestual, dependendo da metáfora, da intenção do falante e/ou do encadeamento discursivo em questão.

O trabalho está organizado em quatro seções principais. Na seção 1, apresentamos os pressupostos teóricos, com a descrição dos principais fundamentos da Teoria da Metáfora Conceptual (seção 1.1) e as contribuições dos Estudos de Gesto (seções 1.2 e 1.3). Na seção 2, relatamos a metodologia, dedicando atenção especial à explicitação dos procedimentos de análise dos dados multimodais. Na seção 3, detalhamos a nossa análise, com base na discussão de dados verbais e gestuais. Em linhas gerais, os resultados indicam que os gestos constituem evidência independente das projeções metafóricas evidenciadas nos dados verbais.

1. Pressupostos teóricos

Nesta seção, apresentamos os principais eixos teóricos que norteiam o presente trabalho. Na seção 1.1, enfocamos os fundamentos da Teoria da Metáfora Conceptual, destacando a noção de realismo corporificado ou realismo experiencialista. Nas seções 1.2 e 1.3, destacamos a contribuição dos Estudos de Gesto para o aprofundamento da abordagem inicial baseada em dados verbais.

¹ Em resumo, os tipos de “gestos de apontar” propostos por Kendon (2004) são: Dedo Indicador Estendido Neutro (palma vertical); Dedo Indicador Estendido Pronado (palma para baixo); Polegar; Mão Aberta Neutra; Mão Aberta Supinada (palma para cima); Mão Aberta Oblíqua (palma oblíqua); Mão Aberta Pronada (palma para fora).

1.1 Metáforas da vida cotidiana

Considerado tema de central interesse por Lakoff e Johnson (1980) para uma explicação adequada sobre questões de construção do significado e compreensão, a metáfora teve a sua relevância transformada nos estudos da linguagem a partir do final do último século, quando *Metaphors we live by* veio à público. A proposta dos autores nessa obra buscava repensar, com base em evidências linguísticas, a posição histórica destinada à metáfora tanto nos estudos da linguagem como nos estudos filosóficos. Tradicionalmente, no campo linguístico, a metáfora vinha sendo tratada como assunto de interesse secundário, haja vista ser considerada mais um recurso de estilo, marcadamente presente na criação poético-artística, e, portanto, “afastada” do cotidiano. No campo filosófico, a metáfora era tipicamente concebida como “mera linguagem”, de modo que seu espaço na reflexão sobre a forma como compreendemos o mundo e nós mesmos, se existia, era limitado.

Nesse sentido, o desafio que se punha no caminho de um estudo aprofundado sobre o papel da metáfora na construção do significado era o fato de ela ser compreendida, pela sua posição pré-determinada exclusivamente ao âmbito das artes, como uma questão relacionada apenas à linguagem – e mais precisamente, à retórica e à literatura, “desconectada” do pensamento e ação humanos no dia a dia. Na busca por contrapor essa noção, a língua foi tratada, por Lakoff e Johnson (1980), como uma importante fonte de investigação dos processos que concernem à construção do significado. Em especial, os autores se lançaram a essa busca com base na hipótese de que a metáfora, longe de ter apenas uma função vista como “secundária” na língua, era, na verdade, uma chave para entendermos como concebemos o mundo ao nosso redor. O que encontraram foi uma presença tão constante e tão contumaz da metáfora em nosso dia a dia que, por vezes, pode ser difícil enxergá-la em expressões como “o tempo passou rápido” (metáfora ontológica que compreende o tempo como uma entidade que se desloca no espaço) ou “veremos isso lá adiante, no próximo ano” (metáfora orientacional que concebe o futuro como um lugar à frente do ego).

Um outro exemplo apresentado pelos autores é a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Expressões como “*he attacked every weak point in my argument*” (“ele atacou cada ponto fraco do meu argumento”) e “*your claims are indefensible*” (“suas alegações são indefensáveis”) ilustram essa metáfora na linguagem cotidiana. Lakoff e Johnson (1980) apontam que não apenas fala-se sobre discussões em termos de guerra, mas frequentemente age-se como se fossem: nesse sentido, é possível “ganhar” ou “perder” uma discussão; a pessoa com quem se discute é vista como um adversário; suas posições são atacadas, ao passo que as próprias são defendidas; estratégias de argumentação são utilizadas; se determinada posição é vista como indefensável, pode-se abandoná-la e assumir nova posição (1980, p. 4). A metáfora DISCUSSÃO É GUERRA pode ser sistematizada como segue:

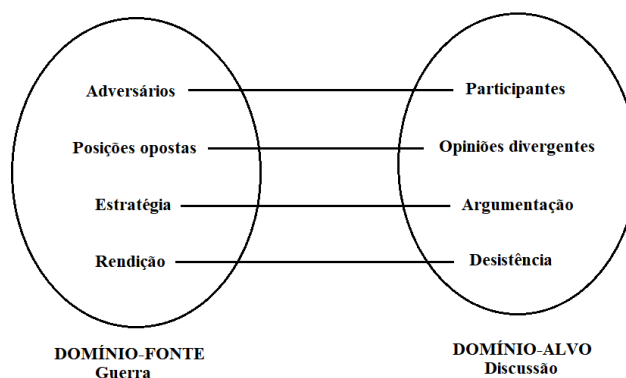


FIGURA 1 – Correspondência entre domínios.

Na Figura 1, o domínio-fonte “Guerra”, mais concreto, estrutura o domínio-alvo “Discussão”, mais abstrato. Sendo assim, é estabelecida uma correspondência (*mapping*) entre elementos análogos desses dois domínios. Como é de se perceber, esse é mais um exemplo que ilustra a função estruturante da metáfora sobre o modo como percebemos, pensamos e agimos no mundo.

De modo geral, os achados de Lakoff e Johnson (1980) abriram um vasto campo de investigação ao apontarem para a perspectiva de que os processos de pensamento humanos são em larga escala processos metafóricos. As expressões linguísticas metafóricas, nesse sentido, seriam possíveis porque a natureza do nosso sistema conceptual ordinário é metafórica – noção que voltaremos a discutir adiante.

1.1.1 Realismo experiencialista

Um aspecto relevante a ser destacado na Teoria da Metáfora Conceptual, especialmente ao se considerar nosso interesse nesta pesquisa, é o chamado *experiential grounding*. Lakoff e Johnson (1980) propõem uma abordagem alternativa ao racionalismo objetivista: o experiencialismo, realismo corporificado ou realismo experiencialista. Ao se referirem ao “mito do objetivismo” (1980, pp. 186-188), os autores mencionam a ideia de uma realidade objetiva que pode ser descrita de modo universalmente válido e imparcial, absoluto e independente de pontos de vista. A linguagem, nesse sentido, teria o papel de retratar o mundo “como ele é”, de maneira clara e direta, assumindo-se o significado como algo objetivamente dado. Como o objetivismo possui força preponderante no pensamento ocidental, a metáfora, por ser tradicionalmente relacionada apenas à linguagem figurativa, era vista como expressão “imprecisa” ou “imprópria” da língua e, portanto, encarada com desconfiança na investigação científica – o que Lakoff e Johnson definem como “medo do subjetivismo” (1980, p. 191). Ao apresentarem o conceito de realismo experiencialista como alternativa, os autores explicam:

Argumentamos que a verdade é sempre relativa a um sistema conceptual, que qualquer sistema conceptual humano é, em grande parte, metafórico por natureza e, portanto, que não há verdade inteiramente objetiva, incondicional e absoluta. (...) Rejeitamos a concepção objetivista de uma verdade

absoluta e incondicional, sem adotar a alternativa subjetivista de verdade obtida apenas por meio da imaginação não restringida por circunstâncias externas. A razão de focalizarmos tanto nossa atenção sobre a metáfora é que ela une razão e imaginação (1980, pp. 192-193).

Longe de negar a existência do mundo físico e objetivo, o que os autores defendem é que nosso acesso a ele se dá necessariamente pelo nosso sistema conceptual, que, por sua vez, é ancorado em nossa experiência. Em outras palavras, “dada a forma e configuração de nossos corpos e cérebros, estabelecemos necessariamente uma perspectiva particular entre várias perspectivas possíveis e igualmente viáveis em relação ao mundo” (Ferrari, 2018, p. 22). A mente humana, desse modo, não é vista como autônoma, mas corporificada, vinculada a essa experiência – inclusive culturalmente –, o que se opõe a uma abordagem computacional da mente e da linguagem.

O realismo experiencialista permite, assim, uma ponte entre os extremos do objetivismo e do subjetivismo, ao passo que salienta a metáfora como ponto fundamental de união entre razão e imaginação: a razão envolve categorização, articulação e inferência; a imaginação, por sua vez, envolve ver uma determinada coisa em termos de outra, o que os autores definem como “pensamento metafórico”. Nesse sentido, a metáfora é uma “racionalidade imaginativa”: nos conceitos não diretamente ancorados em nossa experiência física, os processos metafóricos entram em cena e permitem, na articulação entre domínios cognitivos, uma concepção do mundo para além da literal.

1.1.2 A âncora do nosso sistema conceptual

Observamos, na subseção anterior, a importância da experiência corporal na forma como apreendemos o mundo, e encerramos o parágrafo final mencionando os “conceitos não diretamente ancorados em nossa experiência física”. Nesta subseção, damos ênfase a esse ponto – sua relevância para a compreensão dos nossos objetivos e hipóteses nesta pesquisa, indicados na próxima seção, fica clara ao considerarmos o desdobramento da seguinte questão levantada por Lakoff e Johnson (1980, p. 156): se a maior parte do nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturada, se grande parte dos conceitos são compreendidos parcialmente em termos de outros conceitos, existiriam conceitos que seriam compreendidos diretamente, sem necessidade de metáfora?

De acordo com os autores, entre os principais candidatos para o posto de conceitos que são entendidos diretamente estão os conceitos espaciais. Noções como “para cima”, “para baixo”, “frente”, “trás”, “dentro”, “fora”, “perto” e “longe” surgem diretamente da nossa experiência física no cotidiano. Em suas palavras, “a estrutura dos nossos conceitos espaciais emerge da nossa constante experiência espacial, nossa interação com o ambiente físico” (1980, p. 56-57). Tipicamente, conceptualizamos o que não é físico em termos do que é físico. Isso se relaciona à nossa pesquisa na medida em que investigamos o uso de dêiticos que envolvem conceitos espaciais – os locativos “aí” e “lá”. Como nossos sistemas perceptual e motor nos permitem uma estrutura bem delineada do conceito de espaço, as metáforas que têm esse domínio cognitivo como fonte permitiriam uma compreensão

mais clara de conceitos abstratos ao concebê-los nesses termos, o que se refletiria em usos metafóricos dos dêiticos, não apenas literais.

1.2 A contribuição dos Estudos de Gesto

Na hipótese da Teoria da Metáfora Conceptual, as expressões linguísticas metafóricas seriam possíveis porque a natureza do nosso sistema conceptual é, em grande parte, metafórica. Uma das críticas à teoria, entretanto, aponta essa noção como fundamentada em uma lógica circular, na qual se argumenta que expressões verbais metafóricas são evidência de metáforas conceptuais e que, ao mesmo tempo, sabemos disso porque observamos metáforas conceptuais em expressões verbais metafóricas (Cienki, 1998, p. 190). Outro ponto criticado indicava a falta de evidência empírica, haja vista que os exemplos apresentados por Lakoff e Johnson (1980), apesar de intuitivamente plausíveis, eram criados pelos autores, não extraídos de produções naturais de falantes “na vida real”.

Os Estudos de Gesto apresentariam uma solução para ambas as questões, pois gestos espontâneos, realizados simultaneamente à língua em uso, se colocam tanto como evidência empírica quanto como uma fonte independente para se argumentar a favor da realidade psicológica das metáforas conceptuais (Cienki; Müller, 2008, p. 16). Gestos que representam uma informação não expressa de outra forma, por exemplo, podem corroborar a noção de que metáforas conceptuais são fenômenos cognitivos independentes de qualquer expressão linguística particular (Langacker, 2008, p. 249). De fato, pesquisas recentes sobre gesto têm sustentado não só a visão da metáfora como um fenômeno cognitivo como também a noção de mente corporificada, na qual até mesmo pensamentos abstratos se mostram, na análise dos gestos, ancorados na experiência corporal (Cienki, 1998, 2008, 2016, 2017). Pela inter-relação que se manifesta em modalidades distintas, como apontam Bressemer et al. (2013), “nos gestos, vemos e experienciamos a base corporificada do significado verbal enquanto falamos” (p. 1104). Nesse sentido, as pesquisas na área têm corroborado a hipótese dos gestos como uma representação do domínio-fonte das metáforas conceptuais.

1.3 Quanto aos gestos

De acordo com Cienki (2008), a palavra “gesto” pode fazer referência a qualquer movimento corporal intencional. Nosso interesse aqui, todavia, são os gestos produzidos com as mãos, especificamente gestos realizados voluntariamente e sem função adaptadora – como, por exemplo, o movimento de ajustar os óculos no rosto. Com esse recorte em mente, podemos pensar os gestos como constituídos de três fases: a preparação, o golpe e a retração, sendo a fase do golpe o elemento central no que concerne à análise de sua função. Em outras palavras, “semanticamente, é a parte do gesto que guarda o conteúdo” (McNeill, 1992:375).



FIGURA 2 - As fases do gesto. Fonte: The International Distributed Little Red Hen Lab

Esses gestos espontâneos, realizados simultaneamente à produção verbal, dependem do contexto e da intenção do falante para serem analisados em profundidade – ou seja, seu significado não é pré-determinado. Dessa forma, eles se apresentam como uma janela interessante para a investigação dos processos de formulação do pensamento em um nível além do consciente (Cienki, 2008:7).

No que diz respeito à sua classificação, adotamos aqui a proposta por Müller (1998), que contempla:

- I. Gestos discursivos, que estruturam um enunciado (como batidas para dar ênfase ou contar os pontos lógicos de um argumento nos dedos);
- II. Gestos performativos, que encenam atos de fala (como dispensar uma oferta ou uma ideia “varrendo-a” para fora com as mãos, ou pedir algo com a mão aberta, palma para cima);
- III. Gestos referenciais, que podem se referir a algo concreto ou abstrato.

Nosso interesse enfoca a terceira categoria – os gestos referenciais. De modo geral, essa referência, segundo Cienki (2013), tanto pode ser apontada (portanto, em um ato prototípico da função dêitica) quanto expressa por diferentes modos de representação gestual, quais sejam: “encenar”, “corporificar”, “segurar/moldar” e “desenhar”. Tais modos de representação gestual envolvem, respectivamente

(i) reencenar uma ação a qual se poderia normalmente fazer com as mãos, tal como: segurar a mão e movimentá-la horizontalmente como se segurasse uma caneta e escrevesse; (ii) utilizar a(s) mão(s) para representar uma entidade pela substituição dela e, assim, corporificá-la, como quando alguém segura a mão próxima ao ouvido com os três dedos médios curvados, o polegar estendido para cima, e o dedo mindinho para baixo, com o objetivo de representar um aparelho telefônico; (iii) colocar as mãos ou os dedos de um modo como se segurasse ou ficasse próximo a duas ou três formas dimensionais (representação adjacente), de modo que um observador possa inferir a forma a partir do delineamento das mãos (Leyton, 1992, p. 121), ex.: como se levantasse uma tigela no ar; (iv) movimentar as mãos traçando uma forma, mesmo de forma bidimensional com a ponta do dedo, ou tridimensional com maior parte da mão, especialmente incluindo a palma, essencialmente desenhada no ar; desse modo, um observador pode recuperar o formato a partir do movimento da representação (p. 185).

Ao aplicar a Teoria da Metáfora Conceptual em Estudos de Gesto, uma noção chave que se deve levar em conta é que sua descrição envolve necessariamente a interpretação da projeção entre

domínios. Um exemplo apresentado por Cienki (2008, p. 7) que ilustra bem essa questão, expressa a conhecida metáfora do conduto (IDEIAS SÃO OBJETOS; EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES; COMUNICAR É ENVIAR), na medida em que as mãos dos falantes apresentados são formatadas, no decorrer do discurso, como se segurassem ou apoiassem um objeto (frequentemente com a palma para cima e a mão parcialmente aberta). Tal formatação aparecia em contextos cujas referências eram noções abstratas, como uma discussão sobre gêneros textuais narrativos. O autor argumenta que esses gestos caracterizam o domínio-fonte da metáfora (segurar, como se fossem objetos, as ideias), ao passo que as palavras contêm o domínio-alvo (os gêneros textuais narrativos). Essa é uma das possibilidades de relação da metáfora entre gestos e língua falada; outra, inclui a expressão da mesma conceptualização tanto nas palavras quanto nos gestos, ao mesmo tempo, como veremos adiante em nossa análise.

2. Metodologia

Nesta seção, relatamos os procedimentos metodológicos seguidos nesta pesquisa. Na seção 2.1, indicamos a origem dos dados utilizados na análise. Os objetivos e as hipóteses são apresentados na seção 2.2. Ao final, na seção 2.3, descrevemos com especial atenção as ferramentas adotadas para a análise dos gestos em dados audiovisuais.

2.1 Origem dos dados

A fim de realizar a investigação a que nos propomos neste trabalho, coletamos os dados verbais e multimodais de dois bancos diferentes. O primeiro se encontra disponível na plataforma *on-line* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G), fundado em 1991, no Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por Sebastião Josué Votre (UFRJ). Os dados utilizados na análise deste trabalho compõem o *corpus* de língua falada, com ênfase nas amostras transcritas de entrevistados da cidade do Rio de Janeiro. As entrevistas suscitam diferentes tipos de relato (narrativa de experiência pessoal; narrativa recontada; descrição de local; relato de procedimento; e relato de opinião). Dessas amostras, selecionamos 150 (cento e cinquenta) dados verbais com ocorrência dos dêiticos locativos “aí” e “lá”, sendo 75 (setenta e cinco) de cada.

O segundo *corpus* foi disponibilizado pelo *International Distributed Little Red Hen Lab*, um laboratório global, hospedado no site da *University of California, Los Angeles (UCLA Library)*, codirigido por Francis Steen (UCLA) e Mark Turner (*Case Western Reserve University*), que comporta centenas de dados *on-line* em diferentes línguas para pesquisa em comunicação multimodal. Para análise, coletamos 60 (sessenta) dados em português da estação brasileira, que reúne programas jornalísticos e *talk-shows* exibidos no país. Filtramos os dados videogravados disponibilizados pelo *Red Hen* a

partir da inserção das palavras “aí” e “lá” no mecanismo de pesquisa da plataforma. Seleccionamos, então, 30 (trinta) amostras de uso do dêitico locativo “aí” e outras 30 do dêitico “lá”. Na sequência, analisamos as instâncias de uso comparativamente aos resultados dos dados verbais, correlacionando as excursões gestuais nos dados em vídeo de modo a observar sua forma e função em relação à fala, além de investigar os possíveis padrões gestuais associados a cada tipo uso.

2.2 Objetivos e hipóteses

Tivemos como principais objetivos (i) descrever os diferentes usos dos dêiticos locativos investigados nos dados de fala e (ii) relacionar os tipos de uso distintos dos dêiticos a padrões gestuais em dados multimodais. A partir desses objetivos, estabelecemos as hipóteses de que (i) os dêiticos locativos apresentam usos literais e metafóricos e de que (ii) os usos literais e metafóricos dos dêiticos relacionam-se a padrões gestuais diferentes.

A análise, por sua vez, teve caráter quali-quantitativo: inicialmente, mapeamos os dêiticos locativos em transcrições de dados de fala do D&G; em seguida, os classificamos e quantificamos, a partir de análise comparativa e de tratamento estatístico para cálculo de frequência. Na segunda etapa, identificamos os usos dos dêiticos em dados multimodais disponibilizados pelo *International Distributed Little Red Hen Lab*, os quais igualmente foram analisados, classificados e quantificados, com o auxílio de um software de anotação para arquivos audiovisuais, o ELAN.

2.3 Análise dos gestos: ELAN, LASG e MIG-G

Para analisar os dados em vídeo disponibilizados pelo *International Distributed Little Red Hen Lab*, utilizamos o ELAN, um software que permite a análise complexa de arquivos audiovisuais ao possibilitar a criação de um número ilimitado de anotações textuais neles. De acordo com seus desenvolvedores, essas anotações podem ser uma frase, palavra ou explicação, um comentário, tradução ou descrição de qualquer característica observada na mídia, organizadas em múltiplas camadas.

Metodologicamente, na análise dos gestos, adotamos os parâmetros propostos por Bressemer *et al.* (2013) no Sistema Linguístico de Anotação Gestual (em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures*, LASG) e as Diretrizes para Identificação de Metáforas nos Gestos (em inglês, *Metaphor Identification Guidelines for Gesture*, MIG-G), apresentadas por Cienki (2017). O LASG enfoca a descrição da forma dos gestos; as orientações descritas por Cienki, a seu turno, abarcam o LASG, mas têm como finalidade específica permitir a identificação tanto de metáforas quanto de ocorrências não metafóricas nas excursões gestuais.

No LASG, Bressemer *et al.* (2013) propõem quatro parâmetros para a análise gestual: formato das mãos; orientação das palmas; direção, qualidade e tipo do movimento; e posição espacial do gesto. Nesse sistema, a base é uma abordagem linguístico-semiótica dos gestos, ou seja, fala e gesto são

entendidos como indissociáveis e, portanto, a língua é vista sob uma perspectiva multimodal. Com relação a esse ponto, vale reforçar que a perspectiva de indissociabilidade entre fala e gesto é relativa à compreensão da linguagem humana como inerentemente multimodal, com enunciados verbo-gestuais formando um compósito (Avelar, 2022). Nesse sentido, como afirma Kendon (2004), enunciados verbais e gestuais são “duas formas integradas de expressão, produzidos conjuntamente a partir de uma orientação a um único objetivo” (p. 1-2). Como estamos lidando com modalidades distintas de comunicação (uma verbal e outra não-verbal), cada uma delas exige, naturalmente, métodos de análise distintos. A proposta de Bressemer *et al.* (2013) é de um processo analítico em etapas: primeiramente, os gestos são analisados independentemente da fala; só depois a análise conjunta ocorre. Esse procedimento visa a assegurar a análise da forma e função dos gestos *per se*, sem influência da fala em um primeiro momento.

A seguir, apresentamos os quadros elaborados por Pinheiro (2017), que correspondem a uma síntese dos parâmetros propostos por Bressemer *et al.* (2013) utilizados nesta pesquisa.

Quatro categorias básicas da configuração de mão	For basic categories of hand configuration
Punho	Fist
Mão estendida	Flat hand
Dedos individuais	Single fingers
Combinação de dedos	Combinations of fingers
Configurações dos seis formatos de dedos	Configuration of the six shapes of the digits
Esticado	Stretched
Flexionado	Bent
Torto	Crooked
Flexionado para baixo	Flapped down
Conectado	Connected
Tocando	Touching

QUADRO 1 - Formato das mãos. (Pinheiro, 2017, p. 99)

Quatro ângulos básicos da orientação das palmas	Four basic angles of the palm's orientation
Palma para cima	Palm up
Palma para baixo	Palm down
Palma lateral	Palm lateral
Palma vertical	Palm vertical
Quatro tipos de orientação considerando o espaço gestual	For types of orientation considering the gesture space
Em direção ao centro	Towards center
Para fora do corpo	Away Center
Em direção ao corpo	Towards body
Distante do corpo	Away body

QUADRO 2 - Orientação das palmas. (Pinheiro, 2017, p. 102)

Tipos de movimento	Movements types
Tipos básicos de movimento	Basic movements types
Movimento reto	Straight movement
Movimento arqueado	Arched movement
Círculo	Circle
Espiral	Spiral
Zigzag	Zigzag
Linha-s	S-line
Tipos de movimento de pulso	Types of movement for wrist
Flexionado	Bending to pulls
Levantado	Raising
Flexionado para 1	Bending to 1
Flexionado para 5	Bending to 5
Rotacional	Rotation
Direção do movimento	Direction of movement
Movimentos ao longo do eixo horizontal (esquerda e direita, conforme a perspectiva do gesticulador)	movements along the horizontal axis (right and left, regarded from the perspective of the gesticulator)
Movimentos ao longo do eixo vertical (para cima e para baixo)	Movements along the vertical axis (up and down)
Movimentos ao longo do eixo sagital (em direção ao corpo e para fora do corpo)	Movements along the sagittal axis (away from body and towards body)
Suplementar diagonal (combina as direções de movimento mencionadas anteriormente)	Additional diagonal (combine the direction of movement already mentioned)
Qualidade do movimento	Quality of movement
Tamanho (reduzido ou expandido)	Size (reduced or enlarged)
Velocidade (desacelerada, acelerada)	Speed (decelerated, accelerated)
Fluxo do movimento (fraco ou acentuado)	Flow of movement (accentuated)

QUADRO 3 - Movimento. (Pinheiro, 2017, p. 106)

Quatro setores básicos do espaço gestual (McNeill, 1992)	Four basic sectors of the gesture space (McNeill, 1992)
Centro-centro	Center-center
Centro	Center
Periferia	Periphery
Periferias externas	Extreme Periphery
Que são diferenciadas posteriormente de acordo com as propriedades: superior, inferior, esquerda e direita. (ex: periferia superior direita)	Which are further differentiate according the features: upper, lower, right and left (ex: periphery upper right)
Quatro dimensões do espaço gestual (Fricke, 2005, 2007)	Four dimensions for gesture space (Fricke, 2005, 2007)
0 = próprio corpo do falante	(i) 0 = speaker's own body
1 = distância próxima do corpo	1 = close distance to the body
2 = distância média do corpo	2 = middle distance from the body
3 = distância longa do corpo	3 = far distance from the body

QUADRO 4 - Posição espacial. (Pinheiro, 2017, p. 108)

As Diretrizes para Identificação de Metáforas nos Gestos, propostas por Cienki (2017), são descritas pelo autor em sete passos, a saber:

1. Identifique os golpes gestuais.
2. Descreva as formas características de cada golpe.
3. Identifique se o gesto atende a alguma função referencial. Se sim,
4. Identifique o(s) modo(s) de representação.
- 5.

Identifique o(s) referente(s) físico(s) retratado(s) no(s) gesto(s) (o potencial domínio-fonte). 6. Identifique o tópico contextual que está sendo referenciado (o potencial domínio-alvo). 7. O tópico foi identificado, por semelhança na experiência, ao referente retratado por meio do gesto? Se sim, o gesto pode ser identificado como utilizado metaforicamente por meio de uma projeção, na qual o tópico (domínio-alvo) está sendo conectado ao referente retratado (domínio-fonte) (p. 136).

Como é de se perceber, os dois primeiros passos têm estreita ligação com os parâmetros propostos por Bresse *et al.* (2013). A partir da análise da forma gestual, as orientações de Cienki (2017) permitem um passo a passo metodológico para identificação da metáfora em determinado gesto. Sendo assim, na segunda etapa da observação (isto é, após a descrição da forma gestual), o autor orienta uma análise conjunta de gesto e fala, para sua interpretação global, a começar pela identificação (3) da função referencial (ou não) do gesto; na sequência, (4) do seu modo de representação; (5) do referente retratado; e (6) do tópico contextual em questão, para finalmente (7) definir-se a presença ou não de metáfora.

3. Análise

Nesta seção, apresentamos a análise com base nos dados verbais e multimodais. Inicialmente, na seção 3.1, focalizamos os usos encontrados nos dados de fala; em seguida, na seção 3.2, explicitamos a análise dos dados verbo-gestuais coletados.

3.1 Dados verbais

No primeiro momento da pesquisa, analisamos os dados de fala retirados da plataforma do D&G, classificando-os em (i) usos literais, em que os dêiticos indicam espaços físicos; (ii) usos metafóricos, em que os dêiticos manifestam projeções conceptuais – o conceito de espaço é usado como domínio-fonte da metáfora para estruturar outros domínios cognitivos; e (iii) usos metafórico-discursivos, em que os dêiticos atuam, especificamente, como ferramentas para organização de ideias e fatos em sequência temporal no fluxo discursivo. A tabela quantitativa geral, a seguir, apresenta as frequências relativas a cada uso.

DADOS VERBAIS				
	Uso literal	Uso metafórico	Uso metafórico-discursivo	Total
AÍ	0	6 (8%)	69 (92%)	75
LÁ	65 (87%)	10 (13%)	0	75

TABELA 1 - Tipos de uso dos dêiticos locativos nos dados verbais.

Percebemos uma grande predominância de usos metafórico-discursivos do dêitico locativo “aí”, como ilustram os seguintes exemplos:

- (1) “(...) você se forma...² **aí** você arruma um empreguinho aqui... **aí** você começa a ganhar bem... **aí** você para e fala assim ‘não... estou bem pra caramba...’ **aí**... fica naquilo a vida inteira... entendeu?” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)
- (2) “(...) fomos subindo a rua juntos que estava de noite... muito tarde... **aí** chegou na/ no final da rua praticamente ela virou pra mim e perguntou que horas eram... **aí** eu informei as horas a ela... acabei perguntando a ela se não tinha nada pra fazer... perguntei ‘pô... onde é que tem um lugar legal... pra se divertir aqui?’ ela virou pra mim e disse que:: não sabia...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)
- (3) “(...) a Jussara havia sido suspensa por... ter... respondido à diretora... **aí**... foi suspensa por um mês... só volta em agosto... ah... ele te disse que... a diretora havia entrado em sala... para dar uma bronca geral na turma... e que **aí**... ela... toda hora olhava pra diretora e começava a rir... **aí** a diretora perguntou a ela se... ela estava de verde... **aí** disse que a Jussara disse ‘não... você não está de verde... está apenas de roxo... fica horrível de roxo...’ **aí** ela botou ela para fora de sala e deu suspensão...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 2)

Optamos por classificá-los em uma categoria própria porque, apesar de também expressarem metáforas, manifestam um tipo específico: nesses casos, a conceptualização da progressão temporal dos eventos relatados possui como domínio-fonte o conceito de espaço (TEMPO É ESPAÇO), mais especificamente o eixo trás-frente – ou esquerda-direita, que “se caracteriza como eixo de progressão simétrica (...) em conformidade com a direção da escrita no mundo ocidental” (Avelar; Pinheiro, 2017). Assim, à medida em que a narrativa dos eventos se desenvolve, o dêitico espacial aparece como uma ferramenta para organizar a sucessão lógico-temporal deles dentro do discurso. Nos casos de usos metafóricos não discursivos, por sua vez, identificamos ocorrências como:

- (4) “(...) pessoal ficou conversando... falando... né? com ele... ‘qual o teu nome... amigo?’ pergun/ perguntando... né? Pedro perguntando pra ele ‘qual teu nome?’ ‘é Luiz Carlos...’ ‘você estuda Luiz Carlos?’ ‘estudo... estudo...’ ‘então... estuda bastante que você vai ficar rico um dia... estuda que é pra poder... trabalhar e ficar rico...’ ele ‘não... não vou ficar rico não... ficar rico não... é... quem vai ficar rico **aí** são vocês... vocês que são ricos aí...’

² De acordo com o D&G, a base para a transcrição das falas foram os “critérios gerais de transcrição adotados pelo Projeto NURC/SP, com algumas adaptações em função da especificidade” do material. Dentro do quadro de marcações utilizadas, “...” representa qualquer tipo de pausa, ao passo que “::” representa qualquer alongamento e “/” o truncamento de sílaba e/ou quebra de sequência.

‘que rico nada... rapaz... ninguém tem dinheiro aqui... ninguém está montado na grana... não...’ ‘ah... e o carrão parado lá no/ lá fora...’ (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)

Nesse exemplo, um grupo de jovens de classe média conversa com um menino que vendia flores em um bar no Rio de Janeiro. O menino, após os jovens orientarem que ele estude para “trabalhar e ficar rico”, diz: “quem vai ficar rico aí são vocês... vocês que são ricos aí...”. Identificamos, nesse uso do dêitico locativo, a metáfora CLASSE SOCIAL É LUGAR, que podemos observar em expressões como “posição social” também. O menino, ao perceber que os jovens pertenciam a uma classe social diferente da sua, marca essa distância com o uso do locativo “aí” – indicando a “riqueza” como mais próxima dos seus interlocutores do que de si, o que configura uma extensão metafórica do significado literal do dêitico. Vejamos outro exemplo:

- (5) “(...) inclusive tinha uma garota na roda falando aqui assim... é... ‘você não vê **aí**? já pensou se o mundo fosse’ é... ‘se... ficasse só as mulheres no mundo? ia ficar’ não sei o quê... pa ra rá... é... dando a entender que ia ser melhor... dando a entender que... que ia ser mais fácil... etc.... entendeu?” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)

Nesse exemplo, identificamos a manifestação da metáfora conceptual IDEIAS SÃO OBJETOS, na medida em que o argumento utilizado pelo falante (noção abstrata) é apontado para o interlocutor como um objeto concreto, visível no lugar onde ele se encontra: “você não vê aí...?”.

Com relação aos usos literais, não houve exemplos do dêitico “aí” nos dados. É possível que esse tipo de uso não tenha ocorrido em função da natureza do *corpus*. Já com relação ao dêitico “lá”, não observamos usos metafórico-discursivos, apenas usos literais e metafóricos.

Passemos, agora, para a análise de alguns exemplos desses usos. Nos literais, mais frequentes, o dêitico atua em sua função locativa, indicando um lugar no espaço físico:

- (6) “(...) eu queria... vim pra escola... mas só que eu estava **lá** em Vassouras...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 2)
- (7) “(...) vou começar a história... contando quando minha mãe foi embora... de **lá** de casa...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 2)
- (8) “(...) ele conheceu um... um cara **lá** em Friburgo... que roubaram o carro dele... há pouco tempo aqui em Fri/ aqui no Rio... na Glória...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)

Como podemos observar, no exemplo (6), o dêitico locativo indica o espaço geográfico que compreende o município de Vassouras, no estado do Rio de Janeiro; já em (7), indica o local em que o falante mora, sua casa; e em (8), o espaço geográfico que abarca o município de Friburgo, também no estado do Rio de Janeiro, que se diferencia do “aqui no Rio... na Glória”, lugar compartilhado tanto pelo falante – o centro dêitico a partir do qual a referência se dá – quanto pelo interlocutor (o entrevistador), em uma utilização prototípica do dêitico “lá” como indicador de um local físico distante do falante e do ouvinte.

Quanto aos usos metafóricos, o conceito de “espaço distante” do falante e do ouvinte aparece para estruturar a concepção de noções mais abstratas:

- (9) “(...) o médico olhou e falou que era uma doença **lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ é... fazer uma cirurgia...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)
- (10) “(...) eu sei é pintar casa... aprendi com meu pai... a gente vai... vai... primeiro a gente pega lixa... aquelas lixa grossa... e lixa a parede... pega aquela... é... aquela massa... depois que lixou tudinho que está/ que tiver tudo certinho... aquela massa branca... é argamassa... sei **lá**... é massa de emassar... aquela massa branca” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 2)

Nesses exemplos, identificamos a metáfora INDEFINIÇÃO CONCEPTUAL É LUGAR DISTANTE. Como as informações mencionadas pelos falantes não são definidas – a doença em questão e o nome preciso do material indicado –, essa imprecisão foi marcada tendo como base o conceito de “longe” do falante e do ouvinte – “uma doença lá”, “sei lá” –, portanto, um lugar mais difícil de ser acessado de imediato ou mais longe do campo de visão e, por consequência, de conhecimento dos interlocutores.

Como vimos, os usos dos dêiticos locativos identificados nos dados do *corpus* do D&G puderam ser classificados em literais e não literais. Na seção a seguir, relacionamos os diferentes tipos de uso a padrões gestuais em dados multimodais.

3.2 Dados multimodais

Nesta segunda etapa da pesquisa, coletamos os dados multimodais a partir do *corpus* disponibilizado pelo *International Distributed Little Red Hen Lab*. A partir da base metodológica das Diretrizes para Identificação de Metáforas nos Gestos (Cienki, 2017), com o auxílio do software ELAN, buscamos observar e descrever, correlacionando gesto e fala, os padrões gestuais associados a cada tipo de uso. Nas tabelas a seguir, vemos que em usos literais há predominância de gestos de apontar prototípicos dos dêiticos, ao passo, que em usos metafóricos³, observamos outros modos de representação gestual como prevalentes.

³ Nos dez usos metafórico-discursivos do dêitico “aí”, identificamos um número menor de ocorrência de gestos, possivelmente em função de apresentarem-se como ferramenta de concatenação de ideias no discurso. Como o objetivo do presente trabalho foi descrever os gestos manuais prototípicos e não prototípicos relacionados aos tipos de uso dos dêiticos, optamos por manter a subdivisão de uso “metafórico-discursivo” como recorte para investigação em outros trabalhos.

GESTOS EM USOS LITERAIS			
Apontar		Outros modos de representação gestual	Total
AÍ	10 (100%)	0	10
LÁ	13 (87%)	2 (13%)	15

TABELA 2 - Gestos em usos literais nos dados multimodais.

GESTOS EM USOS METAFÓRICOS			
Apontar		Outros modos de representação gestual	Total
AÍ	2 (20%)	8 (80%)	10
LÁ	3 (20%)	12 (80%)	15

TABELA 3 - Gestos em usos metafóricos nos dados multimodais.

Vejamos algumas ocorrências que caracterizam os resultados obtidos em nossa análise, a começar pelos usos literais dos dêiticos locativos, nos quais identificamos uma predominância dos gestos de apontar – prototípicos da função dêítica. No exemplo a seguir, um jornalista, ao reportar a demolição de um imóvel localizado em área que possui risco de deslizamento, diz: “O mesmo acontece com aquelas casas **lá** em cima do morro, que estão prestes a desabar”. Observamos, na formação gestual, o dedo indicador esticado/estendido, com palma orientada para baixo; o movimento é acentuado/preciso, reto e direcionado para fora do corpo, a um alvo específico – o referente “lá”, que corresponde às casas em cima do morro. O gesto cumpre em sua forma a função de apontar para um espaço físico; portanto, podemos concluir que não há presença de metáfora.



FIGURA 4 - Exemplo 11.

Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

No exemplo seguinte, um repórter, ao falar das mesas lotadas dentro de um restaurante, em meio à pandemia, menciona que “(...) **lá** fora, ainda tem fila de espera”.



FIGURA 5 - Exemplo 12.

Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

A forma do gesto se apresenta também com o dedo indicador esticado/estendido, mas, neste caso, com a palma orientada para cima; o movimento é igualmente preciso, reto e direcionado para fora do corpo, indicando o referente “lá”, que corresponde ao espaço físico fora do estabelecimento, onde havia fila de espera. Assim como no caso anterior, não identificamos metáfora na excursão gestual.

No exemplo 13, temos uma ocorrência de uso literal do dêitico “aí”. Um mecânico, ao explicar os procedimentos adotados no conserto de um automóvel, afirma para o jornalista que fez tudo corretamente. Para reforçar seu argumento, aponta para os clientes, dizendo: “(...) a gente nunca se negou a fazer absolutamente nada pra eles, tanto é que eles tão **aí** na frente, eles podem verificar pro/com o senhor”.



FIGURA 6 - Exemplo 13.

Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

No gesto em análise, observamos outra formatação de “apontar” (Kendon, 2004): mão aberta/estendida, com orientação lateral/oblíqua da palma; o movimento, por sua vez, também é preciso, reto e direcionado para fora do corpo do falante, indicando a referência “aí”, correspondente

aos clientes que estavam à frente do estabelecimento, mais próximos ao jornalista. Concluimos, assim, que não há presença de metáfora.

Analisemos mais um caso de uso literal do dêitico “aí”, acompanhado do gesto de “apontar” que vimos observando. No exemplo seguinte, um jornalista, ao reportar as doses da Coronavac chegadas da China, diz: “(...) são muitas caixas... **aí**”. Simultaneamente, as indica também pelo gesto:



FIGURA 7 - Exemplo 14.

Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Na forma, observamos a mão estendida/neutra, orientada para baixo; o movimento, neste caso, é fraco, mas retilíneo. Direcionado para baixo, aponta a referência “aí”, que, no espaço físico, corresponde às caixas com as doses da Coronavac. Não identificamos presença de metáfora no gesto.

Quanto aos usos metafóricos analisados nos dados, diferentes modos de representação gestual apareceram, com uma diminuição significativa nos gestos de apontar prototípicos. No exemplo a seguir, a atriz Leticia Colin, ao falar sobre a personagem histórica que interpretava à época, Leopoldina, menciona seu gosto pela Ciência e pelo estudo dos minérios do Brasil. Na sequência, depois de citar que Pedro I pode ter herdado esse olhar científico da esposa, encerra dizendo: “(...) enfim, se me lembro das aulas de História, acho que é por **aí**”.

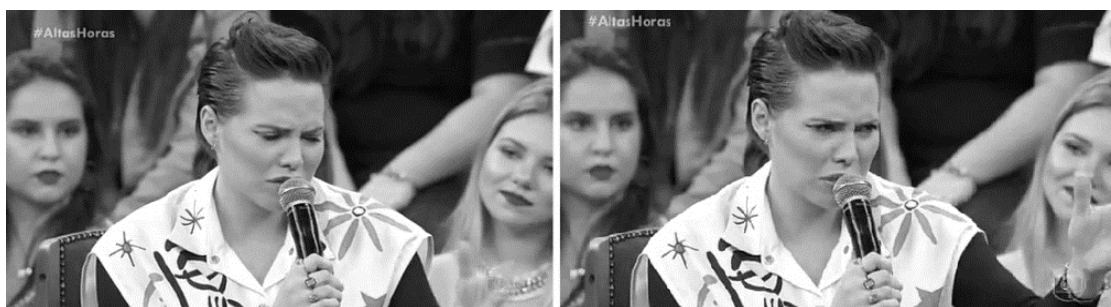


FIGURA 8 - Exemplo 15.

Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Vamos à análise do gesto: em sua formatação, a mão está aberta, com orientação lateral da palma; o movimento é impreciso, em *zigzag*, direcionado para fora do corpo. O modo de representação gestual observado nessa ocorrência é “desenhar”: não há o apontamento de um referente no gesto, mas o desenho de um movimento no espaço – uma trajetória em *zigzag* – quando a atriz diz “acho que é por aí”. Identificamos nessa ocorrência a metáfora INCERTEZA É UMA TRAJETÓRIA EM ZIGZAG, em que o conceito de “movimento pelo espaço” é utilizado como fonte para estruturar a noção abstrata de “incerteza” sobre determinado assunto (o tópico discursivo). Em vez de um movimento retilíneo, o tipo que vemos é uma linha incerta em *zigzag* sendo desenhada pela mão: evidenciando, pelo gesto, a metáfora conceptual.

Identificamos a mesma metáfora no exemplo 16, ilustrado na sequência. Um entrevistado, ao mencionar a quantia em dinheiro que havia investido e que perdera em um golpe, diz: “No meu caso, eu investi dezesseis mil, quinhentos e trinta e... oito, por **aí**”. No gesto, vemos uma ocorrência similar à observada anteriormente: a mão está aberta, com palma orientada lateralmente, em movimento impreciso e em *zigzag*, também direcionado para fora do corpo. Não há referente no espaço físico retratado no gesto. Observamos, assim, mais uma vez o modo de representação gestual “desenhar” – novamente na expressão da metáfora INCERTEZA É UMA TRAJETÓRIA EM ZIGZAG. O tópico discursivo (a quantia em dinheiro), por não ser determinado com certeza pelo falante, é acompanhado pelo movimento gestual que desenha uma linha em *zigzag*:



FIGURA 9 - Exemplo 16.

Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

No que diz respeito aos usos metafóricos do dêitico locativo “lá”, entre a prevalência de outros modos de representação gestual, ilustramos abaixo um caso em que identificamos a expressão da mesma conceptualização metafórica tanto verbal quanto gestualmente. Trata-se da já mencionada metáfora TEMPO É ESPAÇO. Na ocorrência em questão, um jornalista afirma: “O dia a dia de Salvador vai ter de volta as badaladas que **lá** atrás, nos séculos 18 e 19, não eram usadas só pra marcar as horas e chamar os fiéis para as celebrações”. O gesto que acompanha essa fala tem o polegar estendido, com oblíqua orientação da palma; o movimento é preciso, retilíneo e direcionado para a direita, apontando o referente “lá atrás”. O tópico contextual, no entanto, não indicava uma localização física, mas sim mental, de um período no tempo: os séculos 18 e 19. Em convergência com as

observações de Kendon (2004), esse gesto de apontar com o polegar indica, na ocorrência em análise, o passado, estruturado a partir do domínio-fonte como um lugar atrás do ego.



FIGURA 10 - Exemplo 17.

Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

No exemplo a seguir, a mesma metáfora – TEMPO É ESPAÇO – é expressa pelo gesto diferentemente, de acordo com a intenção do falante. Neste caso, um jornalista esportivo está discorrendo sobre a modalidade “vôlei de praia” nos jogos Pan-Americanos. Ele diz que a modalidade faz parte dos jogos “desde 1999” e que “de lá pra cá foram disputadas cinco edições (...)”. O gesto que acompanha essa fala tem configuração de mão aberta, com orientação lateral da palma. O movimento é reto, da esquerda para a direita, acentuado, e não aponta uma referência no espaço. Sendo assim, o modo de representação gestual identificado é “desenhar”: o gesto traça uma linha que vai da esquerda para a direita simultaneamente à fala “de lá pra cá”. Consideramos essa linha uma expressão de “linha do tempo”, em que, conforme a tradição ocidental, o passado fica à esquerda (“lá” no ano de 1999, quando teve início a modalidade nos jogos Pan-Americanos) e o futuro à direita (“cá”, o momento presente). O gesto, portanto, retrata a passagem do tempo conceptualizada em termos de espaço.



FIGURA 11 - Exemplo 18.

Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

A análise dos dados multimodais mostrou-se compatível com a hipótese que estabelecemos. Nas ocorrências literais, gestos de apontar prototípicos aparecem em maior parte – exemplos de 11 a 14 –, ao passo que em usos metafóricos, as configurações gestuais variam de acordo com a metáfora em questão e a intenção do falante, como observamos nos exemplos 15, 16, 17 e 18.

4. Considerações finais

Este trabalho adotou a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva e, em especial, da Teoria da Metáfora Conceptual e dos Estudos de Gesto, para investigar os diferentes tipos de uso dos dêiticos locativos “aí” e “lá”, com base em dados verbais e multimodais do português brasileiro.

A análise dos dados de fala evidenciou usos literais e metafóricos. No caso do dêitico “aí”, observamos usos metafóricos propriamente ditos e usos metafórico-discursivos, em que o dêitico organiza a sucessão lógico-temporal dos eventos no discurso. Quanto aos dados multimodais, a análise indicou uma predominância de gestos de apontar prototípicos nos usos literais dos dêiticos “aí” e “lá”, respectivamente. Já nos usos metafóricos, identificamos em ambos os dêiticos uma prevalência de outros modos de representação gestual, não prototípicos da função dêitica.

Os resultados se mostraram compatíveis com as hipóteses estabelecidas na pesquisa: os dêiticos locativos apresentaram usos literais e metafóricos em dados empíricos, e cada tipo de uso tendeu a se relacionar a distintos padrões gestuais no corpus analisado. Dessa forma, os resultados contribuem para corroborar a metáfora como um fenômeno cognitivo básico da vida cotidiana, assim como a noção de mente corporificada, na medida em que conceitos de espaço (e de trajetória pelo espaço) apareceram como estruturantes de conceitos mais abstratos, como tempo e classe social, refletindo o modo como os indivíduos interpretam a realidade ao seu redor. No que concerne especificamente à análise dos gestos, foi possível observar que constituem uma fonte independente da fala a também sustentar a Teoria da Metáfora Conceptual e a experiência física na qual nosso sistema conceptual é ancorado.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i1.2267.R>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliadora 1: Paloma Batista Cardoso

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2244-8960>

Avaliadora 2: Cristina dos Santos Carvalho

Afiliação: Universidade do Estado da Bahia

AVALIADORA 1

O título do trabalho é condizente com sua proposta, ancorada na análise multimodal de dois dêiticos: “aí” e “lá”.

A abordagem teórica assumida pelas autoras é clara, e muito bem descrita nas primeiras seções do texto, a partir de referências basilares para o estudo de metáforas e de gestos. Já na introdução, a noção de metáfora conceptual, essencial para o desenvolvimento da análise apresentada, é ilustrada com exemplos intuitivos e de fácil compreensão. Esse trabalho é de grande importância para os estudos na área de linguística cognitiva. Primeiro porque discute metáfora como processo cognitivo, segundo porque utiliza dados do português brasileiro, com aplicação de metodologias amplamente testadas no inglês e no alemão. A análise dos gestos apresentada pelas autoras corrobora padrões de movimentos corporais descritos em diferentes línguas, corroborando seu caráter multimodal e corporificado.

No que diz respeito especificamente à metodologia para a análise dos dados, a caracterização do LASG e do MIG-G também é satisfatória. Os apontamentos que seguem dizem respeito à pressupostos e detalhes de codificação.

Até a seção referente ao método, as autoras discutem a noção de metáfora conceptual e a importância dos estudos sobre gestos para esse tipo de abordagem. No entanto, não fica clara como a relação entre língua e gestos é concebida. É uma relação de dependência ou independência?

Em 2.4, sobre o LASG, afirma-se que “Nesse sistema, a base é uma abordagem linguístico-semiótica dos gestos, ou seja, fala e gesto são entendidos como indissociáveis e, portanto, a língua é vista sob uma perspectiva multimodal”. Por causa do uso de “indissociáveis”, parece-me possível interpretar língua e gestos como dependentes. No entanto, o LASG pressupõe inter-dependência

entre fala e gestos: os movimentos das mãos são independentes, podem ser descritos por conta própria. Adicionalmente, eles podem ter, junto com a fala, o mesmo objetivo comunicativo. Apesar disso, as duas modalidades podem ser analisadas independentemente. Acredito que esclarecer esse ponto é importante.

Quanto à aplicação do LASG, as autoras descrevem os níveis de anotação dos gestos que foram relevantes para esta pesquisa. Aqui, destaco que não consegui localizar o nível da motivação da forma, inclusa na descrição do corpus da análise. Além desse ponto, creio que seria importante descrever como a busca nos dados multimodais foi feita: as autoras buscaram, no elan, os dêiticos “ali” e “lá” para depois observarem os gestos que ocorriam com essas palavras? Ou a busca foi feita primeiramente a partir dos gestos apenas? Teoricamente, quais as consequências do procedimento metodológico?

De modo geral, o artigo é claro, bem escrito, e todas as seções estão bem relacionadas. Os objetivos, bem sustentados teoricamente, são cumpridos, e trazem importantes contribuições para a descrição linguística de caráter multimodal.

AVALIADORA 2

O artigo, à luz da Linguística Cognitiva, principalmente da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980), e de estudos sobre gesto (Cienki; Müller, 2008; Cienki, 2008, 2013 etc.), analisa “os usos dos dêiticos locativos “ai” e “lá” em dados verbais e multimodais do português brasileiro falado, correlacionando gesto e fala na investigação de possíveis padrões associados a cada tipo de uso”. Para a sua análise, o(a) autor(a) parte do exame de dados verbais extraídos de transcrições disponíveis na plataforma *on-line* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e de dados em vídeo retirados da estação brasileira do *International Distributed Little Red Hen Lab*.

O trabalho, estruturado em três seções, além da introdução e considerações finais, está muito bem organizado, contendo seções e subseções que contribuem para a consecução do seu objetivo principal. A primeira seção apresenta o referencial teórico do estudo: em um primeiro momento, expõe postulados relacionados à Teoria da Metáfora Conceptual, destacando os conceitos de metáfora e realismo experientialista; em um segundo momento, apresenta, brevemente, as contribuições dos estudos sobre gestos; e, por fim, discute o conceito de “gesto” e a proposta de Müller (1998) de classificação de gestos, ressaltando os referenciais. A segunda seção explicita aspectos metodológicos da pesquisa: o objeto de estudo (dêixis espacial), o *corpus* e os *softwares* utilizados, os objetivos do trabalho, as hipóteses aventadas para o objeto de investigação e a abordagem – quali-quantitativa – adotada na análise dos dados. A terceira apresenta os resultados da análise quali-quantitativa dos dados verbais e multimodais. A partir dos exemplos citados, o(a) autor(a) fornece explicações e argumentos pertinentes para a distinção dos usos literais e metafóricos de “ai” e “lá” nos dados verbais e multimodais examinados. Tal procedimento demonstra uma adequação metodológica e analítica, sobretudo quando se leva em conta o arcabouço teórico em que o trabalho está fundamentado. Nessa perspectiva, considera-se que há uma coerência da análise dos dados com os objetivos e os pressupostos teóricos explicitados no texto. Sendo assim, com uma discussão

teórico-metodológica e uma análise consistentes, o artigo representa uma significativa contribuição à área em que se insere.

Todavia, quanto à estruturação do artigo, uma observação a ser feita tem a ver com a inclusão da descrição do objeto de estudo dentro da seção que trata da metodologia da pesquisa. Recomenda-se, então, que essa descrição seja feita em uma seção fora da metodologia. Sugere-se também que seja feito um texto introdutório para as seções 2. Metodologia e 3. Análise antes das subseções 2.1 e 3.1, respectivamente.

Em relação a aspectos de estrutura e linguagem, o texto, no geral, é bem escrito e utiliza-se de linguagem técnico-científica. No entanto, alguns aspectos formais (sinalizados na cópia virtual do artigo) precisam ser revistos. Uma sugestão é que seja feita uma revisão quanto à oscilação entre pessoas gramaticais (terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural). Quanto às normas da ABNT, é preciso rever, em algumas partes, a forma de se fazer a referência a autores nas citações indiretas e o uso de citações em língua estrangeira com a devida tradução.

Tendo em vista as considerações supracitadas, considera-se que o artigo deve ser **aprovado com sugestões de ajustes**. Tais sugestões estão explicitadas na cópia virtual do texto (em anexo).

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Foram avaliados os roteiros da Equator Network, sem nenhum deles ter sido identificado como de relevância para o trabalho submetido. A pesquisa conduzida não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

REFERÊNCIAS

AVELAR, M. Uma questão de gesto. In: AVELAR, M.; PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. (eds.) **Linguística e Estudos de Gestos – Interfaces**. São Paulo: Editora Pontes, 2022. pp. 7-10.

AVELAR, M.; FERRARI, L. Integração experiencial e dêixis locativa: o papel discursivo dos gestos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, n. 1, 2017. pp. 73-89.

AVELAR, M.; PINHEIRO, H. Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados orais e multimodais. In: **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, 2017. pp. 113-122.

BRESSEM, J.; LADEWIG, S.; MÜLLER, C. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (eds.) **Body–Language–Communication**. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013. pp. 1079-1098.

CIENKI, A. Metaphoric gestures and some of their relations to verbal metaphoric expressions. In: KOENIG, J. P., **Discourse and cognition: Bridging the gap**. Stanford, CA: Center for the Study of Language and Information, 1998. pp. 189-204.

CIENKI, A. Why study metaphor and gesture? In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. **Metaphor and gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. pp. 3-26.

CIENKI, A. Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (eds.) **Body–Language–Communication**. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013. pp. 182-201.

CIENKI, A. Cognitive linguistics, gesture studies, and multimodal communication. In: **Cognitive Linguistics**, v. 27, n. 4, 2016. pp. 603-618.

CIENKI, A. Analysing metaphor in gesture: a set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). In: SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. **The Routledge handbook of metaphor and language**. London: Routledge, 2017. pp. 131-147.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Chicago: Chicago University Press, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LANGACKER, R. Metaphoric gesture and cognitive linguistics. In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. **Metaphor and gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. pp. 249-251.

MCNEILL, D. **Hand and mind: What gestures reveal about thought**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MÜLLER, C. **Redebegleitende Gesten. Kulturgeschichte – Theorie – Sprachvergleich**. Berlin: Berlin Verlag A. Spitz, 1998.

MÜLLER, C. What gestures reveal about the nature of metaphor. In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. **Metaphor and gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. pp. 219-245.

PINHEIRO, H. **Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados multimodais**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLIN, Vitória da Conquista, 2017.

YULE, G. Deixis and distance. In: **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 1996. pp. 9-16.